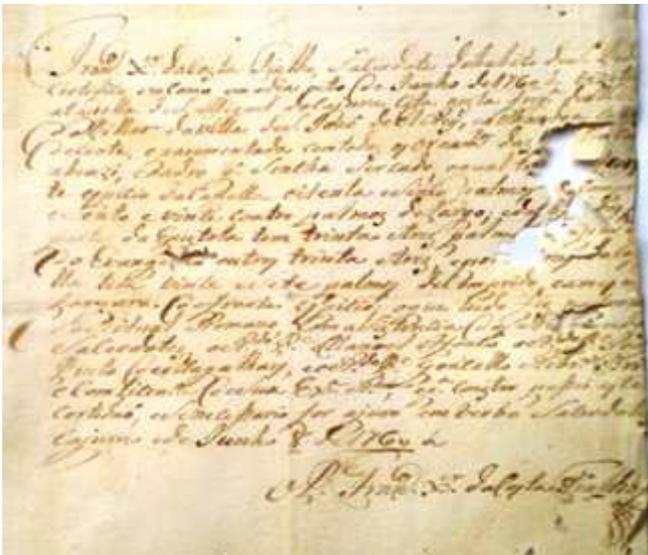


# CAPELA DE SÃO MIGUEL DO CAJURU: 250 ANOS!

**José Antônio de Ávila Sacramento**

De acordo com pesquisas do santeiro Osni Paiva em fontes documentais dos arquivos do IPHAN e Diocese de São João del-Rei (**foto**), a atual matriz de São Miguel Arcanjo, situada no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, completará seus 250 anos em 08 de junho de 2010. O arraial, contudo, é bem mais antigo, uma vez que no início do século XVIII, no local conhecido como “Cajuru Velho”, distante cerca de 2 km da atual sede distrital, “foi construída a primeira capela de São Miguel, com alpendre na porta principal, virada para o poente”. Naquela capela, no ano de 1714, foi batizada a filha do capitão André Vale Ribeiro e os filhos de Diogo Garcia Caetano de Carvalho Duarte. João Francisco Junqueira nela se casou, em 1758.



Os documentos dão conta de que, em 1759, os moradores de São Miguel do Cajuru alegaram ao bispado de Mariana que a dita capela, de pau-a-pique, estava podre, muito arruinada e prestes a cair; assim, pediram provisão para que fosse construída uma nova capela, num sítio mais afastado. Os peticionários solicitaram também que pudessem mudar a porta da capela do poente para o nascente, tudo sob a alegação de que a nova obra seria bem mais sólida que a anterior, pois seria feita sobre alicerce de pedra e com paredes de adobe dobrado. Permissão concedida, a capela foi construída, tendo sido benta

pelo capelão pe. Francisco Xavier da Costa Fialho, aos oito dias do mês de junho do ano de 1760. A capela foi filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei até o ano de 1832. As capelas de Madre de Deus de Minas, Piedade do Rio Grande, Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno e São Francisco do Onça passaram a pertencer eclesiasticamente a São Miguel do Cajuru. O primeiro vigário encomendado foi o pe. Isidoro Corrêa de Carvalho, em 1833; ele era um dos netos de Caetano de Carvalho Duarte, que foi proprietário da Fazenda do “Engenho dos Carvalho” ou, depois, Fazenda do “Engenho de São Miguel”, cuja sede foi construída antes do ano de 1719.

A Fazenda do Engenho, no início do século XVIII, foi o local onde afazendou-se o rixento Vigário da Vara, pe. Manuel Cabral Camello, à espera das ações da justiça civil e/ou eclesiástica, devido as suas críticas de que havia conflito de competência entre os poderes eclesiástico e civil, quanto a prisão de um clérigo que fora expulso da sua Ordem, por ter sido encontrado em seu poder uma jóia pertencente a uma imagem sacra; além disso, o padre Camello havia sido alvo de ordem de condenação, pelo Conde de Assumar, por ter ele dirigido graves censuras ao então Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, Valério da Costa Gouvêia, por ocasião de desavenças a respeito do licenciamento para festas que seriam promovidas pelo Senado da Câmara. Para resistir a uma possível ordem de prisão, o insurgente religioso chegou a fortificar com paliçadas e barricadas os arredores da dita

fazenda, espalhando seus escravos armados por entre as matas, como sentinelas, em posições estratégicas. Pelo que se sabe, nem o mandado eclesial e nem o civil foram cumpridos contra o aquartelamento cajuruense do padre Camello.

Conforme registro no “Almanaque de Minas”, em 1870, na freguesia e no distrito de São Miguel do Cajuru “existiam somente 34 casas cobertas de telhas dentro do povoado e uma população de 946 habitantes; banha o seu território o Rio das Mortes Pequeno, o Ribeirão do Chaves e outros córregos; possui duas escolas publicas estaduais, agência de correio, a paróquia tem vigário e matriz pertencente à Arquidiocese de Mariana”. O distrito de São Miguel do Cajuru já conheceu épocas de maior importância do que a atual. No Império teve seu nome ligado aos dos Barões do Cajuru, João Gualberto de Carvalho e seu filho Militão Honório de Carvalho, este último vinculado à Revolução Liberal de 1842.

A sede do distrito fica encravada no leito de uma das variantes da Estrada Real (o Corredor Real); as decorações dos tetos da nave central e da capela mor da construção original (perfeitamente preservada no interior dos acréscimos mais recentes da atual igreja) apresentam pinturas ilusionistas sacras que são composições artísticas das mais importantes da região; o medalhão da nave central mostra São Miguel, modesta e humildemente, sem as suas armas, as quais estão lançadas ao piso, em face da Trindade Onipotente. Em imponentes nichos, nos cantos da abóbada do templo, estão pintados quatro Doutores da Igreja: Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerônimo e São Gregório. O teto do altar mor possui “moldura do quadro formada por caprichosos enrolamentos”, tendo, ao centro, “São Miguel, representado com um pé apoiado à frente do outro, revelando-nos a intenção do pintor de sugerir a figura em movimento, caminhando com o estandarte, sobre as nuvens. São Miguel proclama o mistério da Santíssima Trindade, cujo símbolo está pintado no estandarte” que carrega. Ainda merecem registros as decorações do arco-cruzeiro e as trompas, violinos, flautas e flores que estão representados no teto do antigo coro, de onde se dá a transposição da antiga nave para o acréscimo da atual igreja. As pinturas são atribuídas ao pincel de Joaquim José da Natividade.

Carlos Del Negro, estudioso de obras pictóricas sacras, considera que a decoração dos tetos da igreja cajuruense deve ser posterior a 1812 e que “o partido da composição da abóbada da nave fica assim constituído, de acordo com a seguinte idéia: erguer um quadro ricamente emoldurado à guisa de teto de um novo andar, sobre ordem arquitetônica que assenta na parte média das paredes laterais reais da igreja, apoiando-se também no arco-cruzeiro e muro do coro por meio do portal (óculo, vão, arco de triunfo etc)”. Segundo Del Negro, a composição que se vê na Igreja de São Miguel do Cajuru é uma adaptação do forro da nave do Santuário do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, com introdução de elementos da pintura da nave da Igreja de São Francisco, de Ouro Preto.

Assim, para comemorar bem os dois séculos e meio de sua igreja, a comunidade cajuruense preparou diversas celebrações religiosas e profanas, a partir do dia 05 de junho, culminando com o dia maior da comemoração, em 08 de junho de 2010, quando uma procissão, saindo do “Cajuru Velho”, irá até a Matriz atual. Logo depois haverá celebração de missa com a participação de vários padres e do Bispo Diocesano, seguindo-se um almoço de confraternização; à noite, encerrando-se as festividades, haverá apresentação de orquestra e show com a dupla Luciano&Sidney.

Comemorar 250 anos de existência num país que ainda há pouco completou seus 500 anos é uma efeméride de sumíssima importância. É também um fato relevante quando se toma por

base que São João del-Rei, a sede do nosso Município, ainda completará seus 300 anos de elevação a vila daqui a três anos. As raízes do povoamento do arraial bandeirante de São Miguel do Cajuru, assim como a dos nossos outros distritos, confundem-se com as da urbe de São João del-Rei. Então, acredito que lembrar uma data histórica como esta é a oportunidade para se recuperar fatos e combater o esquecimento, para se privilegiar as memórias coletivas e individuais, para se resgatar paisagens e datas, para se reviver tradições, para se distinguir figuras e acontecimentos que fizeram parte desta história. Creio que celebrações como estas são relembramentos que muito favorecem o entendimento e a constituição da nossa contemporaneidade.



Interior da capela de São Miguel do Cajuru  
(Foto de J.A. de Ávila)